



## Dados mortuorios Tupi: análises e comparação

Fabiane Maria Rizzardo\* e Pedro Ignácio Schmitz\*\*

\* Mestra em História da América Latina pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. farizzardo@gmail.com

\*\* Doutor, Pesquisador Senior Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Instituto Anchietao de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. anchietano@unisinobr

Recibido 01 de Diciembre de 2017, aceptado para su publicación 19 de marzo de 2018.

### Palabras Chave:

Populações Tupi;  
Arqueologia das práticas  
mortuárias;  
dados mortuários;  
sepultamentos;  
território brasileiro.

### Keywords:

Tupi Populations;  
Archeology of mortuary  
practices;  
mortuary data;  
burials;  
Brazilian territory.

### RESUMO

Os sepultamentos associados às populações Tupi são comumente mencionados na literatura arqueológica referente ao território brasileiro. No entanto, os arqueólogos e profissionais afins raramente descrevem de maneira uniforme, ponderam ou comparam esses dados. O presente artigo analisa, a partir de uma série de questões, uma amostra de enterramentos humanos associados aos sítios Tupiguarani para serem pensados comparativamente. Como resultado, o trabalho demonstra as situações de sepultamentos existentes no território brasileiro, bem como suas variações, fornecendo maior entendimento acerca da temática mortuária referente às sociedades pertencentes ao tronco Tupi.

### ABSTRACT

The burials related to the Tupi populations are commonly mentioned in the archaeological literature referring to the Brazilian territory. However, archaeologists and related professionals rarely describe, weigh or compare these data. This article analyzes, from a series of aspects, a sample of human burials associated to the Tupiguarani sites to be thought comparatively. As an outcome, the paper demonstrates the situations of burials in the Brazilian territory, as well as their variations, providing a better understanding of the mortuary theme of the societies belonging to the Tupi linguistic branch.



Los trabajos publicados en esta revista están bajo la licencia Creative Commons Atribución - No Comercial 2.5 Argentina.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo<sup>1</sup> é interessado na temática mortuária Tupi. Tem como objetivo analisar e comparar dados mortuários contidos em fontes bibliográficas produzidas pela Arqueologia brasileira, de forma a destacar a importância desses dados e, ao pensá-los comparativamente, de contribuir para a elaboração de novas reflexões acerca das sociedades Tupi que se desenvolveram no território atualmente compreendido pelo Brasil. Antes de iniciarmos o texto, é importante destacar

que o termo Tupiguarani (sem hífen), empregado pelos arqueólogos, se refere à indústria cerâmica de uma população antiga, em grande parte da família linguística Tupi-Guarani (com hífen). Porém, sociedades indígenas de outras famílias podem ter adotado aspectos culturais Tupi-Guarani, incluindo o modo de confecção e utilização da cerâmica. Por esse motivo, alguns pesquisadores usam a expressão “ceramistas Tupiguarani” ao invés de “grupo Tupi-Guarani”, evitando a associação direta entre materialidade e classificações linguísticas e étnicas. Sem desconsiderar a importância de tais discussões, foi privilegiado nesse artigo a expressão “sociedades Tupi” como forma de enfatizar mais as organizações sociais e menos a cultura material delas.

## REFERENCIAL TEÓRICO/METODOLÓGICO

Para elaboração da pesquisa, selecionamos uma amostra de dez situações de deposições

<sup>1</sup> O estudo é uma adaptação de parte da Dissertação de Mestrado *Sepultamentos dos Mortos entre Antigas Populações do Tronco Tupi: Confrontando Arqueólogos e Cronistas Quinhentistas* (Rizzardo 2017). O primeiro capítulo do trabalho analisa as principais fontes bibliográficas interessadas nos sepultamentos Tupi; entre seus resultados, foi identificada a necessidade de rever interpretações incompletas e/ou inconsistentes já amplamente difundidas na literatura arqueológica Tupi, justificando a elaboração do seu segundo capítulo, que compõe a reflexão proposta por esse artigo.

intencionais associadas aos grupos Tupi, retiradas de algumas das principais fontes bibliográficas referentes a essas sociedades. Tal amostra, que abrange todas as regiões do Brasil, foi escolhida pela quantidade de dados descritivos e de imagens disponibilizada pelos autores, capaz de viabilizar as reflexões provocadas pelo seguinte questionário: a) Sepultamento dentro ou fora da área de habitação? b) Abaixo ou acima da superfície? c) Corpo com ou sem contato com a terra? d) Com ou sem elemento cerâmico em associação? e) Com ou sem remanescentes ósseos preservados? f) Primário ou secundário? g) Com ou sem marcas de tratamento? h) De um ou mais indivíduos? i) De indivíduo maduro ou infante? j) Com ou sem oferenda? k) Com outro acompanhamento? l) Quais gestos dos vivos em relação ao destino do morto são percebidos? m) Que informações há sobre o sexo? n) Há elementos que indiquem o status do sepultado dentro da aldeia? O questionário também se interessava, originalmente, pelas datas dos achados. Esse item não pôde ser incluído nessa adaptação em função de as informações sobre os materiais radio carbônicos não estarem disponíveis de forma completa nas fontes utilizadas.

O enfoque das questões que elaboramos está nas formas de deposição intencional, nos acompanhamentos funerários, nos gestos dos vivos em relação ao(s) morto(s) e em aspectos gerais, que permitem vincular a investigação ao que Ribeiro (2007:20) denomina de “*arqueologia das práticas mortuárias*”. As respostas servirão de base para as comparações entre os sepultamentos, permitindo refletir acerca das práticas mortuárias das sociedades Tupi.

Como o estudo diz respeito às deposições intencionais do corpo dos indivíduos, considera uma série de conceitos-chave pertencentes ao universo das práticas mortuárias. O conceito elementar é o próprio termo “*sepultamento*”, tido como a principal forma de deposição intencional, caracterizado pela intervenção dos vivos no destino do morto. Nas palavras de Py-Daniel:

*“Para que um corpo ou elementos ósseos sejam considerados como um sepultamento é necessário que haja intencionalidade pela*

*parte dos vivos. Neste caso o sepultamento faz parte de um ritual, mesmo que este seja muito breve”* (Py-Daniel 2015:181).

Os sepultamentos, em geral, compreendem diferentes modos de tratamento do morto. Quando o corpo foi depositado inteiro, tem-se um sepultamento do tipo “primário”: “*identificados a partir das relações anatômicas entre os ossos, onde é possível determinar que a decomposição das partes moles aconteceram (sic) in situ*” (Py-Daniel 2015:181). Quando compreende apenas partes de um corpo, é considerado como um sepultamento do tipo “secundário”:

*“Os sepultamentos secundários são reconhecidos pela presença de ossos “secos, limpos ou cremados” onde não há (ou há pouca) organização anatômica (...). Portanto o corpo do indivíduo é tratado antes de ser enterrado definitivamente, implicando um envolvimento por um período prolongado por parte da sociedade”* (Py-Daniel 2015:182).

Os sepultamentos primários e secundários podem ser “*diretos*” no solo ou “*indiretos*”. Os diretos são “*geralmente distinguíveis pelo posicionamento de ossos, ou seja, os ossos são mantidos pelo solo em seu local de origem*” (Py-Daniel 2015:184). Os indiretos, por sua vez, são caracterizados pela ação de depositar em uma urna ou em uma cestaria, isolando o corpo (ou partes do corpo) do contato com a terra (Py-Daniel 2015:184).

Os espaços onde são localizados os sepultamentos, podem ser denominados tanto de “*cemitérios*” quanto de “*necrópoles*”: ambos “*identificados pela concentração de corpos ou urnas e a ausência de elementos domésticos*” (Py-Daniel 2015: 186).

Entre os Tupi do Brasil, a forma mais comum de sepultamento é o indireto, em vasilhames cerâmicos, comumente chamados pelos arqueólogos de enterramentos em urna funerária. Contudo, conforme explicam Müller e Souza (2011) é pouco provável que os Guarani do período anterior à Conquista confeccionassem vasilhames especificamente para o contexto mortuário,

uma vez que o registro arqueológico indica que “*aproveitavam recipientes utilitários, do dia a dia, como aqueles em que guardavam água ou fabricavam bebidas fermentadas*” (Müller e Souza 2011:172). Nesse sentido, as “*urnas funerárias*” na verdade são recipientes domésticos que foram, conforme a necessidade, reutilizados para esse fim. A partir das considerações das autoras, optamos por denominar as deposições indiretas, em cerâmica, como “*sepultamentos em vasilhames que servem como urna funerária*”, evitando escrever apenas “*sepultamento em urna funerária*”. Também procuramos não generalizar o termo para toda e qualquer peça cerâmica grande e sem relação concreta com as áreas de deposições humanas, escolhendo para análise apenas os achados contextualizados, cuja função de urna funerária foi atestada.

Por fim, cabe destacar que embora Müller e Souza (2011) tenham feito as reflexões pensando no caso dos Guarani do Sul, é possível estender as observações para os demais Tupi do Brasil. De modo geral, todas as cerâmicas Tupi utilizadas para o contexto mortuário apresentam marcas de

atividades domésticas, indicando a reutilização das peças.

## ANÁLISES

Abaixo, tendo como referência as questões norteadoras, apresentaremos a análise de dez casos. Alguns deles são compostos por mais de um sepultamento.

### *Caso 1: Análise de Sepultamento em Vasilha, Localizado por Pereira et al. (2008), PA*

Entre as fontes bibliográficas que apresentam dados mortuários Tupi no Norte do país, consideramos pertinente aquela produzida por Edithe Pereira et al. (2008), que apresenta, através de texto e de imagem, um sepultamento em vasilha da tradição cerâmica Tupiguarani (conforme identificado pela autoria), que serve de urna funerária.

Esse sepultamento foi localizado abaixo da terra preta (Ver Figura 1), ou seja, abaixo da camada de ocupação (Pereira et al. 2008:52). Os autores dão a entender que ele foi, nesse sentido, enterrado dentro da antiga habitação.

Os remanescentes humanos estavam no interior



Figura 1. Sepultamento indireto e outros vasilhames, abaixo da camada escura. Fonte: Pereira et al. (2008:60).



da vasilha que serviu como urna funerária, o que caracteriza o sepultamento como indireto, sem contato com a terra. Esse isolamento do corpo foi reforçado através de uma segunda peça cerâmica que serviu como “tampa”. Conforme consta no texto, os remanescentes ósseos correspondem a uma criança de aproximadamente três anos, acompanhada por uma lâmina polida de machado (Pereira *et al.* 2008:52).

Não há evidências de marcas de tratamento, tais como descarnar ou desmembramento do corpo; não há elementos que possam indicar o sexo do indivíduo; não há dados que possam indicar o status dele dentro da aldeia. Não há vestígios de oferendas, tais como peças cerâmicas que possam ter abrigado alimentos ou bebidas, assim como não há dados suficientes para inferir se é primário ou secundário.

Em relação aos gestos empregados pelos vivos, notamos a ação de inserir o corpo dentro de um vasilhame cerâmico que fez as vezes de urna funerária e de cobri-lo com outra vasilha. Também é notada a ação de depositar um objeto que acompanha o indivíduo. O enterramento das peças que envolvem o corpo, localizadas abaixo da superfície, também é um cuidado dos vivos em relação ao destino dos restos mortais.

A peça que serve de urna parece estar em um cemitério, localizado abaixo da habitação, uma vez que mais de uma dezena de vasilhas semelhantes

estavam enterradas próximas e no mesmo nível. Contudo, também existe a possibilidade de algumas terem servido como oferendas mortuárias (e não como estruturas funerárias propriamente ditas).

*Caso 2: Análise de Sepultamento em Vasilha, Abordado por Carlos Etchevarne (2009), BA*

As fontes bibliográficas referentes à Região Nordeste informam sobre achados que, em sua maioria, estão descontextualizados e sem a presença de remanescentes ósseos. Porém, um deles, localizado no município de Morro do Chapéu, BA, presente na publicação de Carlos Etchevarne (2009), possui imagem (Ver Figura 2) e descrições gerais, viabilizando uma análise parcial do sepultamento.

O sepultamento em vasilhame que serviu como urna funerária é um achado fortuito, identificado por um morador local. Nesse sentido, não há dados registrados que possibilitem informar a localização do sepultamento (se dentro ou fora de área de habitação). Também não é possível identificar o nível (se abaixo ou acima da superfície). De todo modo, é possível perceber que o corpo do indivíduo estava abrigado no interior do vasilhame cerâmico, configurando uma deposição indireta. Outras duas vasilhas cerâmicas estavam em associação com a que serviu de urna funerária (descritas pelo autor como peças originalmente utilizadas como



Figura 2. Vasilha que serviu como urna funerária. Fonte: Etchevarne (2009:125).

“assadores”), as quais parecem ter cumprido a função de cobertura. É importante mencionar que um tembetá estava próximo ao sepultamento, assim como fragmentos de outras peças cerâmicas. Não constam no trabalho informações sobre estudos dos ossos, impossibilitando inferir sobre a idade, o sexo, as possíveis marcas de tratamento e o próprio número de indivíduos que foram depositados. Também não há elementos no texto que permitam compreender se seria um sepultamento primário ou secundário. Como se trata de um achado isolado, não é possível inferir sobre o status do sepultado.

Entre os gestos dos vivos no momento do sepultamento, constatamos a preocupação por isolar o morto do contato com a terra através da vasilha que serve de urna e das coberturas.

*Caso 3: Análise de Área de Enterramento, Localizada por Igor Chmyz (1974), MS*

A pesquisa de Chmyz (1974) não aborda os sepultamentos humanos individualmente. Por esse motivo, optamos por analisá-los em conjunto, a partir da lógica do autor, buscando apontar as nuances nas formas de tratamento dos mortos.

Os sepultamentos foram localizados em um cemitério, situado dentro do espaço que corresponderia à praça central da antiga aldeia. Ao que podemos perceber, através da descrição, os achados contidos nessa área estavam abaixo da superfície. A maioria dos indivíduos ali encontrados foi sepultada de forma indireta, encontrando-se no interior de vasilhame que serve de urna funerária, protegida por uma segunda vasilha que serve de tampa. Um número menos expressivo teve o corpo sepultado de forma direta, e a cabeça isolada por peça cerâmica. Também foi relatada pelo autor estrutura funerária composta por urna sem tampa, mas com vasilhame cerâmico na região onde estaria o crânio (fornecendo um isolamento parcial do corpo).

O texto indica que a maioria das estruturas funerárias continha os remanescentes ósseos preservados. De acordo com Chmyz, os sepultamentos em vasilhas são todos secundários, enquanto que os sepultamentos diretamente no solo seriam todos primários. Contudo, não foram elencados os

critérios para a interpretação e, infelizmente, não é possível verificar esses aspectos.

A maioria dos sepultamentos é de apenas um indivíduo, mas, conforme observado e descrito, uma das urnas funerárias apresenta remanescentes ósseos que correspondem a duas pessoas (Chmyz 1974:74). Pequenos fragmentos cerâmicos são frequentes no interior e ao lado das urnas funerárias, configurando oferendas ou partes de tampas. Como acompanhamento funerário, são frequentes os tembetás. Quanto aos sepultamentos diretos no solo, um deles estava acompanhado por lâmina polida de machado (junto aos pés) e por tembetá (ao lado da mandíbula) (Chmyz 1974:75). Não é mencionado se os sepultamentos corresponderiam a indivíduos adultos ou imaturos. Também não consta na fonte o sexo deles. Não foram verificadas (ou descritas pelo autor) marcas de tratamento.

Entre os sepultamentos em vasilhames que servem como urna funerária, é possível perceber o gesto de depositar um ou mais indivíduos dentro de recipiente adequado. Também é notada a ação de reforçar o isolamento do corpo a partir de uma segunda peça cerâmica, utilizada como tampa da urna ou como proteção para o crânio. Nesses sepultamentos também se nota o gesto de colocar oferendas ao indivíduo e de, com frequência, enterrá-lo com um tembetá. Entre os sepultamentos no solo, é possível verificar o gesto de depositar o indivíduo em posição específica (de cócoras), quase como se estivesse no interior de uma urna funerária. Também é verificado o gesto de proteger o crânio do morto com vasilhame cerâmico, bem como o gesto de colocar oferendas e de enterrá-lo com um tembetá.

A variedade de formas de deposição, concentrada em um único sítio, indica que se trata de formas de sepultamento diferenciadas que poderiam sugerir distinção entre lideranças e homens comuns e de homens e mulheres. Para o autor, contudo, as diferentes formas de sepultamento evidenciam uma evolução entre as práticas mortuárias: “os dados parecem indicar que nas manifestações mais antigas da tradição Tupiguarani, as práticas funerárias não incluíam o uso de urnas” (Chmyz 1974:83). Nenhum dos achados foi submetido a



datação, inviabilizando a confirmação da hipótese.

*Caso 4: Análise de Área de Enterramento, Localizada por Kashimoto e Martins (2009), MS*

A área de enterramento apresentada por Kashimoto e Martins (2009) possui três estruturas funerárias, as quais foram abordadas individualmente no trabalho. Dessas três, escolhemos para análise duas com presença de remanescentes ósseos e características distintas entre si.

- Sepultamento A (Sítio VN1)

O primeiro dos sepultamentos descritos foi encontrado em uma área de enterramentos (cemitério), situada fora da área associada à habitação. De acordo com a imagem (Ver Figura 3), estava abaixo da superfície. Trata-se de vasilha que serviu como urna funerária, desacompanhada de tampa. Contudo, estava associada a uma segunda peça cerâmica que servia para cobrir o crânio. O corpo do indivíduo teve um sepultamento indireto. Os remanescentes ósseos estavam preservados

no interior das peças cerâmicas. Porém, não é mencionado no texto se seria um sepultamento primário ou secundário. Os ossos correspondem a apenas um indivíduo, em associação com um tembetá, mas sem outras oferendas. Os vestígios humanos, sem marcas de tratamento (descarne ou desmembramento), correspondem a um homem com idade inferior a 35 anos (Kashimoto e Martins 2009:99).

Entre os gestos dos vivos em relação ao morto, são percebidas as ações de depositar o corpo em uma vasilha que serviu de urna funerária e de cobrir o crânio com uma segunda peça cerâmica, isolando o indivíduo do contato com a terra. O enterramento das peças cerâmicas com o corpo também é uma ação dos vivos.

- Sepultamento B (Sítio VN1)

O segundo sepultamento localizado no sítio-cemitério estava na mesma área do anterior, abaixo da superfície. Trata-se de um sepultamento em vasilha que serviu como urna funerária, sem tampa



Figura 3. Sepultamento indireto com crânio protegido por peça cerâmica. Fonte: Kashimoto e Martins (2009:97).

e acompanhada por dois vasilhames que, segundo os autores, armazenavam líquidos (Ver Figura 4). Embora tenham sido verificados no interior da peça cerâmica, não foram elencados no texto dados sobre os remanescentes ósseos. Em função dos poucos subsídios disponibilizados, não é possível investigar se seria um sepultamento primário ou secundário, de um ou mais indivíduos, com ou sem marcas de tratamento. Da mesma forma, não é possível descobrir o sexo e a idade estimada do(s) indivíduo(s).

Além dos vasilhames próximos à vasilha que serviu de urna, entendidos como peças que armazenavam líquidos (possivelmente o cauim), não foram encontrados outros tipos de acompanhamento funerário. Contudo, o interior da urna continha dois fragmentos cerâmicos. São eles indicativo de outra oferenda? Ou de vasilhame que poderia estar associado à proteção do crânio? Mais uma vez, a falta de informações disponibilizadas nos impede de inferir sobre essas questões.

Entre os gestos dos membros da aldeia para com o morto, é notada a ação de depositar o indivíduo em uma vasilha que serve de urna funerária, de forma a isolar parcialmente o corpo do contato

com a terra. Também é notada a ação de depositar vasilhames junto ao corpo, de forma a oferecer-lhe uma oferenda ou algum tipo de acompanhamento funerário (tal como proteção para o crânio). Quanto aos vasilhames, interpretados pelos autores como peças que armazenavam líquidos, pode indicar a realização de ritos fúnebres que envolviam o consumo de bebidas entre os vivos ou, ainda, alguma oferenda dedicada exclusivamente ao morto.

As características diferenciadas deste sepultamento, em comparação ao anterior, podem ser referentes ao status de cada indivíduo dentro da aldeia. Também pode ter afinidade com outras questões, relacionadas com a organização social dos vivos.

*Caso 5: Análise de Sepultamento em Vasilha, Localizado por Ondemar Dias (2009), RJ*

Entre as fontes bibliográficas, que nos debruçamos, referentes à região Sudeste, apenas as que dizem respeito ao Rio de Janeiro fornecem subsídios para uma investigação. Abaixo, segue a análise de achado abordado por Ondemar Dias (2009).

Não há descrições acerca da localização do sepultamento (se dentro ou fora da área de



*Figura 4. Vasilhames para bebidas (acompanhamento funerário).  
Fonte: Kashimoto e Martins (2009:99).*



habitação). Contudo, uma série de imagens elencadas na fonte demonstram que estava abaixo da superfície. Fragmentos de outras estruturas funerárias foram encontrados próximos, indicando tratar-se de um sítio-cemitério.

A estrutura é formada por uma vasilha cerâmica que serve de urna funerária, uma vasilha cerâmica que serve de tampa, uma vasilha cerâmica que serve como “sobre-tampa” e por duas tigelas (Ver Figura 5), colocadas de forma a reforçar o isolamento do corpo (a posição das peças cerâmicas não indica a presença de oferendas). Nesse sentido, o indivíduo estava completamente separado do contato com a terra, configurando um sepultamento indireto.

Objetos como tembetá ou pingentes não foram encontrados em associação. Sobre os remanescentes ósseos, estes não foram abordados

pelo autor, tornando inviável inferir sobre o tipo de sepultamento (se primário ou secundário, se de adulto ou de infante, de homem ou de mulher, de um ou mais indivíduos).

Entre os gestos dos vivos no destino do morto, é notada ação de depositar o corpo em vasilhame, bem como a ação de garantir o isolamento dele através de diversas outras peças cerâmicas. A profundidade do achado indica a ação de enterrar a sepultura.

*Caso 6: Análises de Sepultamentos em Vasilhas, Localizados por Buarque (2010), RJ*

A pesquisa realizada por Buarque (2010) evidencia uma série de aldeias com presença de sepultamentos humanos, associados por ela aos Tupinambá. Escolhemos três para serem analisados, os quais

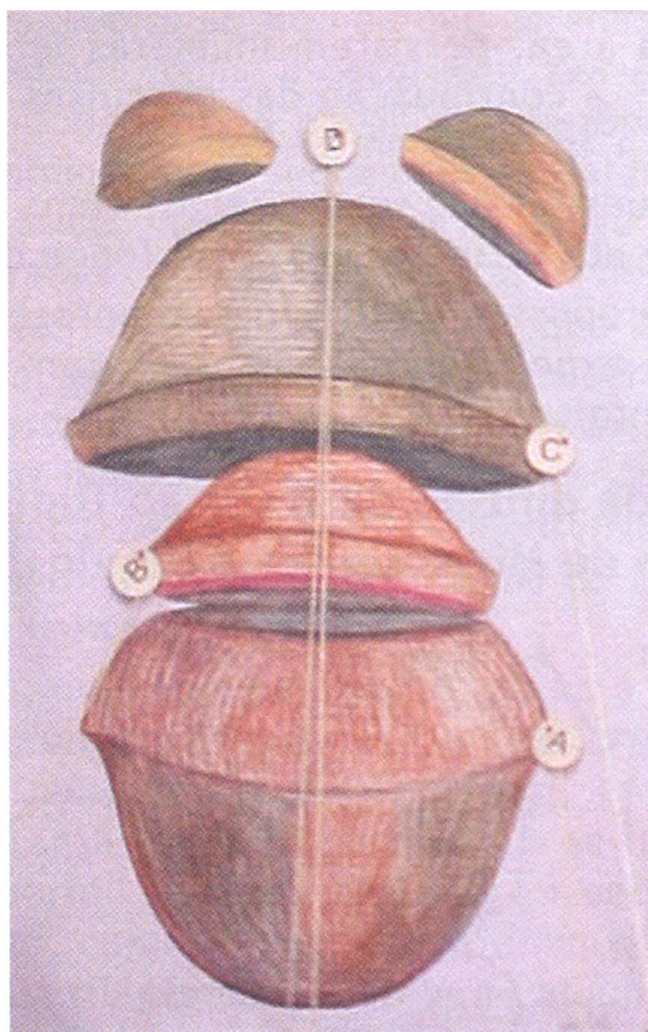


Figura 5. Suposição de como a estrutura teria sido organizada. Fonte: Dias (2009:77).



apresentam características distintas entre si.

- Sepultamento A (“Estrutura 2”: Sítio “aldeia Morro Grande”)

Os sepultamentos localizados por Buarque estão sempre agrupados, formando cemitérios. No entanto, não é explicitado no texto da autora se essas urnas estão abaixo das habitações, no pátio delas ou em local específico e distante. De qualquer forma, é interessante destacar que Buarque denomina as áreas de enterramento como “aldeias”, sugerindo que estas estão localizadas no mesmo lugar das antigas habitações. A estrutura 2, selecionada para análise, foi encontrada na “aldeia Morro Grande”, próxima a outras estruturas funerárias. É ressaltado no texto que os sepultamentos, incluindo a estrutura 2, estavam abaixo da superfície.

As características da estrutura sugerem sepultamento indireto, sem contato com a terra (Ver Figura 6). Contudo, a não preservação dos remanescentes ósseos, em função da acidez do solo, impede de inferir se seria um sepultamento primário ou secundário, de um ou mais indivíduos, de sexo feminino ou masculino, adulto ou imaturo. A presença ou ausência de marcas de tratamento, pelo mesmo motivo, também não podem ser verificadas.

Além das vasilhas que servem como urna e como tampa, outras três peças cerâmicas (‘tigelas’ para

a autora) estavam em associação. Pela posição, encostadas na urna, não devem ser consideradas como oferendas, mas como reforços da estrutura.

Vestígios de uma fogueira e de buracos de estaca foram elencados no texto, indicando possíveis ritos mortuários (Buarque 2010:162).

Em relação aos gestos dos vivos, é possível notar a ação de depositar o morto em vasilhame cerâmico acompanhado por uma peça que serve de tampa. Também é notada a ação de encostar ‘tigelas’ ao redor dessas peças, reforçando o isolamento do indivíduo sepultado. O gesto de enterrar a estrutura também pode ser observado. Os vestígios de fogueira e de buracos de estaca indicariam outros gestos, associados a práticas que não são passíveis de identificação através do registro arqueológico.

- Sepultamento B (“Estrutura 1”: Sítio “Aldeia Serrano”)

O sepultamento em vasilhame que serve de urna funerária foi localizado abaixo da superfície, dentro da área que corresponde à aldeia Serrano.

As peças cerâmicas que cobrem a vasilha que serve de urna indicam tratar-se de um sepultamento indireto (Ver Figura 7). Além da urna e das tampas, havia outro fragmento cerâmico em associação. Não foram encontrados elementos como tembetá ou lâmina de machado, assim como também não foram identificados vestígios de oferendas.

Como não há elementos ósseos, é inviável inferir

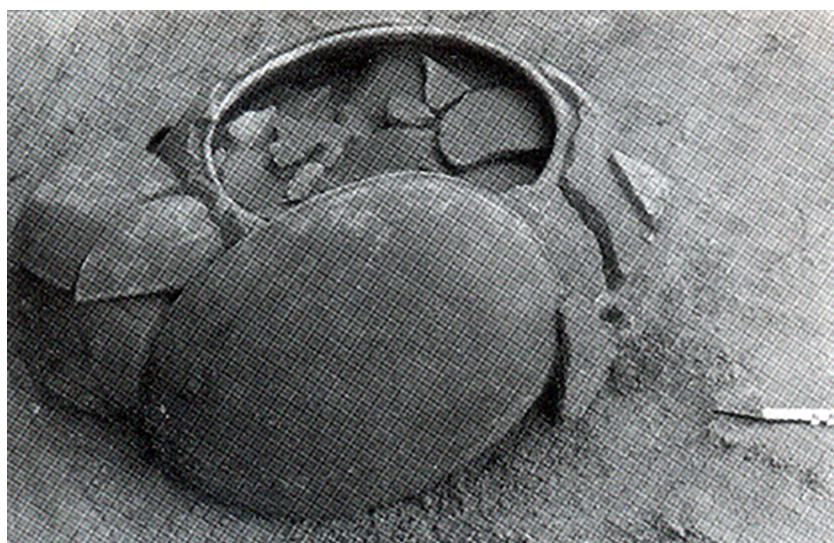


Figura 6. Estrutura funerária completa. Fonte: Buarque (2010:160).

sobre a possibilidade de ter sido um sepultamento primário ou secundário, de um ou mais indivíduos, de adulto(s) ou imaturo(s). Também não é possível investigar o sexo e possíveis marcas de tratamento. Contudo, o local do achado, em área de enterramento, bem como o arranjo das peças que formam a estrutura, confirmam a presença de um sepultamento.

Em relação aos gestos empregados, notamos a ação de depositar o corpo dentro de uma vasilha cerâmica que serve de urna funerária, de cobrir essa urna com duas tampas fragmentadas (com marcas de reutilização) e de depositar um fragmento cerâmico na rachadura de uma das tampas. Por fim, é notado o gesto de enterrar as peças.

- Sepultamento C (“Estrutura 1”: Sítio “aldeia Bananeiras”)

Localizado na Aldeia Bananeiras, é um sepultamento em vasilhame que serve de urna funerária. Pelas características desse achado, estava abaixo da superfície (Ver Figura 8).

Os remanescentes ósseos do corpo estavam sem

contato direto com a terra, protegidos por cerâmica que serviu de urna, configurando um sepultamento indireto. Um pote (10 cm de altura por 07 cm de diâmetro) estava sobre o crânio do indivíduo e as duas ‘tigelas’ com motivos decorativos estavam próximas da urna. É possível que as ‘tigelas’ não sejam evidências de oferendas, mas reforços, como no caso do sepultamento da Aldeia Morro Grande e do sepultamento descrito por Ondemar Dias.

Não são mencionados no texto de Buarque dados sobre marcas de tratamento nos remanescentes ósseos. Contudo, a análise da autora evidenciou que o indivíduo, com vértebras e costelas bem preservadas, media 1,46 m de altura e não apresenta desconexão anatômica, sugerindo tratar-se de um sepultamento primário; Buarque (2010:166) também deduziu que os ossos correspondem a um indivíduo adulto do sexo feminino, com idade entre 20 e 25 anos.

Como acompanhamento, foram encontrados dois pingentes feitos a partir de conchas de molusco da espécie *Strombus costatus*. Não há elementos que indiquem claramente uma diferenciação de status do indivíduo dentro da aldeia.

Entre os gestos dos vivos no destino do morto, identificamos a ação de depositar o corpo inteiro, sem desmembramento e em vasilhame que serve como urna funerária, a ação de associar um pote cerâmico, bem como a ação de reforçar a estrutura com outras peças. Também foi verificada a ação de manter associados pingentes com o morto, que podem ter relação com crenças míticas. O enterramento da estrutura, do mesmo modo, é um gesto significativo.

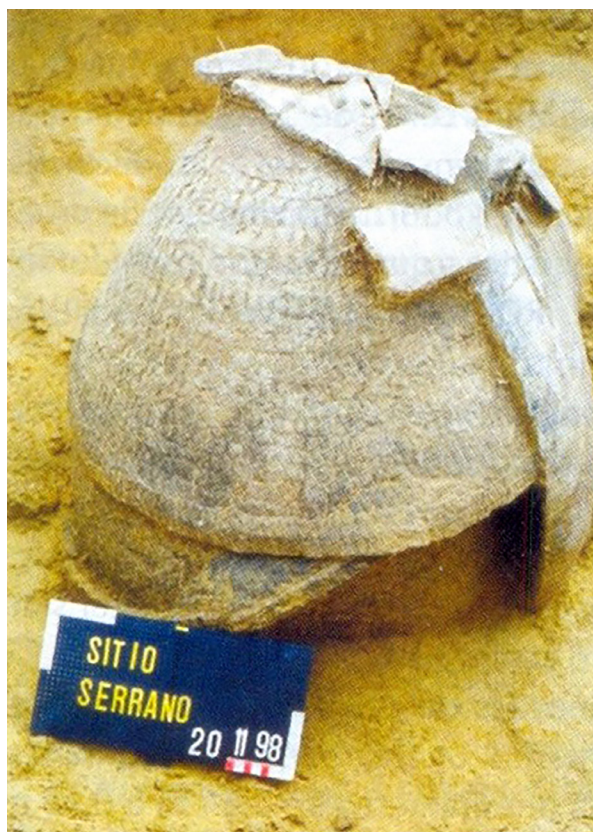


Figura 7. Sepultamento indireto formado por conjunto de peças cerâmicas. Fonte: Buarque (2010:165).



Figura 8. Estrutura funerária no sítio. Fonte: Buarque (2010:165).



*Caso 7: Análise de Área de Enterramento, Localizada pelo 'Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE', SC*

Entre os sepultamentos descritos na fonte bibliográfica (relatório) produzida pela UNESCO, escolhemos dois para análise, cujas características são diferentes entre si.

- Sepultamento A (“Estrutura Funerária I”)

Embora não tenha sido registrado por imagens, é bastante pertinente, uma vez que se refere a uma deposição feita diretamente no solo, mas com uma vasilha emborcada sobre o crânio e a região do peito. Foi localizado numa área de terra escura (mancha 9), perturbada por terraplanagem.

Pelas características do achado, o sepultamento pode ser entendido como primário, com partes sepultadas de forma direta (corpo em contato com a terra) e partes indiretas (crânio e peito isolado pela peça cerâmica).

Foi verificado pelos autores que os remanescentes ósseos em contato com o solo estavam muito mal preservados, enquanto que a parte protegida estava mais bem conservada. Contudo, não foram indicadas informações sobre o sexo e a idade do indivíduo. Também estão ausentes no relatório informações que permitam compreender se teve o crânio desconectado do corpo.

Como acompanhamento funerário, foi verificado um vasilhame cerâmico danificado (possível oferenda), cuja localização em relação ao indivíduo não foi informada, uma lâmina polida de machado e um tembetá produzido em quartzo.

Entre os gestos dos vivos, é percebido o intuito de estender o morto em posição específica (decúbito dorsal) diretamente no solo, acompanhado por seu tembetá, um machado e um vasilhame cerâmico. Também é verificada a ação de proteger o crânio e parte do peito com um vasilhame, seguida da prática de enterramento.

- Sepultamento B (“Estrutura Funerária 7”)

O sétimo sepultamento descrito no relatório apresenta características distintas do anterior. É composto por um vasilhame que serviu como urna funerária e um vasilhame que serviu como tampa, localizados abaixo da superfície e entre

duas manchas de terra escura (manchas 19 e 20). Como a área apresenta diversos sepultamentos, é possível considerá-la como um cemitério.

No interior da vasilha que serve de urna, encontrou-se outro elemento cerâmico fragmentado, que pode evidenciar a presença de oferendas. Também se notou a presença de dois colares de contas e dois artefatos (prováveis pingentes) feitos a partir de concha de gastrópodes.

Os remanescentes ósseos estavam relativamente preservados, evidenciando um sepultamento primário e indireto, onde o indivíduo foi enterrado em posição dorsal, com os membros fletidos. Não foi verificada (ou não foi mencionada) a presença de marcas de tratamento dos ossos. Tais vestígios correspondem a um indivíduo imaturo, cujo sexo não foi identificado.

Entre os gestos dos vivos no destino do morto, são notadas diversas ações: a de depositar a criança (em posição específica) dentro de um vasilhame cerâmico que faz as vezes de urna funerária; a de associar ao morto objetos que servem como adorno e oferenda. Também é notada a intenção de reforçar o isolamento do corpo através de uma vasilha que serve como tampa e a ação de enterrar a estrutura.

A área associada a este sepultamento é a mesma que a do sepultamento anterior. De acordo com as datas citadas na fonte, ambos os achados seriam contemporâneos. Nesse sentido, as características diferenciadas entre um e outro sepultamento indicariam a presença de variações no modo de tratamento dos mortos (e não modificações das práticas ao longo do tempo).

*Caso 8: Análise Sepultamento em Vasilha, Estudado por Müller e Souza (2011), SC*

Entre os três sepultamentos que Müller e Souza (2011) estudaram, escolhemos o mais completo e com maior número de dados para ser discutido nesse espaço. Não pretendemos realizar nova análise, visto que as reflexões principais foram propostas pelas pesquisadoras, mas elencar as conclusões fundamentais das autoras.

O sepultamento, “Estrutura 5” (Ver Figura 9), foi encontrada em área externa à habitação, em um sítio-cemitério, abaixo da superfície. É formada

por uma vasilha que serviu de urna, uma vasilha que serviu de tampa e por dois acompanhamentos funerários (duas peças cerâmicas de pequenas proporções e um objeto lítico, localizados no interior da urna). Nesse sentido, o corpo do indivíduo, até o período em que as peças cerâmicas se fragmentaram, esteve isolado do contato direto da terra, configurando um sepultamento indireto. Remanescentes ósseos (úmero, crânio, mandíbula, dentes, entre outros) foram descobertos no interior da vasilha que serviu de urna, os quais correspondem a um único indivíduo.

Para as autoras, o achado permite várias possibilidades interpretativas: a) pode tratar-se de sepultamento de partes do corpo ainda em conexão anatômica, b) de sepultamento secundário com partes conexas, c) ou de sepultamento primário bastante afetado por processos tafonômicos. (Müller e Souza 2011:203). A terceira opção é considerada como a mais plausível. Nesse sentido, elas ressaltam que a peça cerâmica que serviu como urna, ainda que pequena (borda de 44 cm de diâmetro máximo e 27 cm de altura útil), possui as dimensões necessárias para abrigar um indivíduo (de origem Tupi) fortemente fletido, especialmente se do sexo feminino (Müller e Souza 2011:203).

A dentição completa corresponde a um indivíduo adulto. Não havia elementos suficientes para a identificação do sexo do indivíduo. As marcas nos remanescentes foram causadas por roedores, que devem ter adentrado na estrutura em período mais

recente.

Entre os gestos dos vivos no destino do corpo, identificamos a ação de depositar o morto (provavelmente inteiro e em posição específica) dentro de um vasilhame cerâmico, a ação de oferecer pequenas vasilhas cerâmicas e um objeto lítico em basalto. Também identificamos a ação de cobrir a urna com uma vasilha cerâmica que serve de tampa. Por fim, o gesto de enterrar a urna funerária em cemitério.

Outros sepultamentos foram localizados em local próximo, sendo que um deles (Estrutura 4) apresenta características distintas. Trata-se de um sepultamento em vasilha que serve de urna funerária, sem cobertura, contendo várias contas líticas que teriam formado um adorno. É possível que essa maior riqueza no tratamento do morto tenha relação com status ou com o sexo do indivíduo, entre outros aspectos associados à organização social dos vivos.

*Caso 9: Análise de área de Enterramento, Localizada por Sérgio Klamt (2004), RS*

O sítio-cemitério Scapini, localizado em município rio-grandense, foi bem descrito pelo arqueólogo Sérgio Klamt (2004), justificando nossa atenção a três sepultamentos contidos nele. Esses achados foram escolhidos por apresentarem características diferenciadas entre si.

- Sepultamento A (“Estrutura A”): Sítio Sca-



Figura 9. Detalhe dos remanescentes ósseos. Fonte: Müller e Souza (2011:187).



Figura 10. Vasilha que serviu de urna funerária. Fonte: Klamt (2004:197).



pini)

O sepultamento da “Estrutura A” do sítio Scapini, foi descoberto abaixo da superfície, fora da habitação e em área interpretada como cemitério. Tal estrutura é composta por uma única vasilha (Ver Figura 10) que serviu como urna e por remanescentes ósseos. Não foi verificado vestígio de cobertura (tampa). Nesse sentido, o corpo do indivíduo sepultado esteve parcialmente isolado do contato com a terra, o que caracteriza um sepultamento do tipo indireto. Não há vestígios de outras peças cerâmicas, além da urna. Também não há qualquer outro tipo de acompanhamento funerário ou de oferenda.

Quanto aos remanescentes ósseos, estes foram encontrados em péssimo estado de conservação, o

que impossibilitou qualquer tipo de análise. Parece ser este o motivo para o autor não ter verificado, por exemplo, se o esqueleto corresponde a um único indivíduo ou mais de um. Também parece ser o motivo para a falta de informações sobre a identificação do sexo e idade, bem como sobre possíveis marcas de tratamento.

A urna apresenta capacidade para 80,0 litros, o que, na visão de Klamt (2004:206), poderia indicar um sepultamento secundário ou de um imaturo.

Em relação aos gestos dos vivos no destino do corpo, apenas podemos notar a preocupação por colocar o indivíduo em uma vasilha que serve como urna funerária. A localização do achado (25,0 cm abaixo da superfície) indica o gesto de enterrar as peças que compõem o sepultamento.



Figura 11. Vasilha que serviu de urna funerária e vasilha que serviu de tampa para a urna. Fonte: Klamt (2004: 201).



Figura 12. Vasilha que serviu de urna funerária e respectivos anexos funerários. Fonte: Klamt (2004:201).

- Sepultamento B e C (“Estrutura D”: Sítio Scapini)

A estrutura funerária corresponde a dois sepultamentos humanos, encontrados próximos um do outro (1,80 m de distância) e no mesmo sítio-cemitério que o sepultamento abordado anteriormente. Estava, nesse sentido, em área específica para deposições humanas e abaixo da superfície.

O primeiro dos sepultamentos é formado por uma vasilha que serve de urna funerária (com capacidade para 95,0 litros) e uma vasilha que serve de tampa (Ver Figura 11). O outro, por sua vez, é formado por vasilha que serve de urna (115,0 litros) e por acompanhamentos funerários, localizados no interior da vasilha (duas pequenas peças cerâmicas, que podem indicar oferendas, e um tembetá. Ver Figura 12). É interessante destacar que este segundo sepultamento não apresenta indícios de uma tampa. Os sepultamentos são do tipo indireto.

Para Klamt, o tamanho dos vasilhames (tidos como grandes) estaria associado à prática do sepultamento primário de indivíduo adulto (Klamt 2004:206). Contudo, não constam no texto informações sobre os remanescentes ósseos, sugerindo que estes não estavam preservados. Assim, não é possível confirmar se são primários ou secundários, como também não é possível inferir se são de um ou mais indivíduos, adultos ou infantes, do sexo feminino ou masculino, entre outros aspectos pertinentes.

Entre os gestos, o primeiro sepultamento do conjunto evidencia a ação de depositar o indivíduo em vasilhame cerâmico e de cobrir a urna com uma segunda vasilha. Também indica o gesto de enterrar as peças. Quanto ao segundo sepultamento, indica a ação de depositar o morto com o tembetá em um vasilhame que serve de urna, acompanhado de elementos associados a oferendas. Também sugere a ação de enterrar o sepultamento.

Por fim, cabe destacar que ambos os sepultamentos foram feitos em vasilhames de maiores proporções, mas que se diferenciam substancialmente (em relação à presença de oferendas e acompanhamento e em relação à cobertura da urna), indicando

variações na forma de realizar o enterro. Embora o autor considere os dois como pertencentes a uma única estrutura, devido à proximidade e alinhamento entre as peças, não há dados que indiquem que tenham sido depositados no mesmo momento.

*Caso 10: Análise de Sepultamentos Estudados por Marlon Pestana (2007), RS*

A Dissertação de Mestrado de Marlon Pestana elenca diversos sepultamentos Tupi. Entre eles, selecionamos três para análise, os quais apresentam características distintas entre si.

- Sepultamento A (Sítio RS-LC-09: Manoel Mariano Machado)

O sepultamento referente ao sítio Manoel Mariano Machado foi descoberto por um morador da região, o que impossibilitou registros do local exato do achado (se em área de enterramento ou em sítio habitação). Porém, a descoberta de uma estrutura funerária em vasilhame cerâmico a poucos metros de distância (1,5m) e no mesmo nível, parece indicar presença de área específica para sepultamentos.

O indivíduo foi encontrado com o corpo estendido, em decúbito dorsal (Ver Figura 13). A calota craniana foi encontrada separada do restante do esqueleto, no interior de um vasilhame cerâmico, protegido por uma cobertura (tampa). Estas peças cerâmicas, de pequenas proporções, estavam em nível diferente do restante do achado.

Os ossos estavam em mau estado de preservação. Contudo, foi observada a presença de todos os elementos ósseos da coluna, bem como ossos dos braços e pernas, falanges (dos pés e das mãos), costelas e o respectivo lugar das articulações. Também se verificou a presença dos dentes (em bom estado de preservação). Os remanescentes ósseos correspondem a um indivíduo adulto, com idade entre 20 e 25 anos (Pestana 2007:115).

Pela quantidade de ossos articulados, é possível considerar que o corpo recebeu um sepultamento primário direto, enquanto que a calota craniana recebeu um sepultamento indireto, posterior.

Junto ao corpo “abaixo da mandíbula, entre as clavículas e sobre as vértebras do morto”, foram localizadas 36 contas feitas a partir de conchas



(*Adelomelon* sp), as quais formavam um adorno (acompanhamento funerário) (Pestana 2007:117). A calota craniana, sem os dentes, fora retirada para inclusão em vasilha cerâmica, deixando a mandíbula e os dentes da arcada superior no seu lugar original, ligados ao corpo.

Sobre o sexo do indivíduo, Pestana sugere ser feminino, pois a “implantação do músculo é arredondada, típico de mulher” (Pestana 2007:115). Outras informações importantes são trazidas pelo autor, as quais dizem respeito às etapas do sepultamento: “na calota craniana faltavam os dentes da arcada superior, que tinham ficado junto com a mandíbula, indicando que a manipulação da calota teria sido feita quando o corpo já estava decomposto ou em decomposição” (Pestana 2007:115).

Através dos dados elencados, podemos perceber alguns dos gestos dos vivos. Em primeiro lugar, notamos a intenção de sepultar o indivíduo diretamente no solo, com os membros em conexão anatômica e em posição específica. Também é possível verificar a manutenção do adorno no corpo do morto. Conforme indicado por Pestana, após a decomposição das partes moles, os vivos teriam realizado outra etapa do sepultamento, composta pela retirada da calota craniana. Essa

parte do corpo foi inserida em vasilhame de pequenas dimensões, com tampa e recebeu um enterramento posterior.

Próximo à deposição do corpo e do crânio foram localizados remanescentes ósseos humanos no interior de uma vasilha, sugerindo variação de formas de tratamento do morto numa mesma área. Essa variação sugere a existência de práticas mortuárias de acordo com o status, o sexo ou com outros motivos relacionadas à organização social dos vivos.

- Sepultamento B (Sítio RS-LC-45: Lino Azevedo)

Este sepultamento foi localizado em outro sítio arqueológico estudado por Pestana (2007), o qual é identificado como RS-LC-45. Tal sítio apresenta características de habitação (presença de solo escuro com vestígios de fogueira e alimentos, bem como fragmentos cerâmicos). Próximo a ele estava outro sepultamento em vasilha que serviu de urna funerária, indicando que nas proximidades da habitação (ou no seu interior) também havia espaço destinado aos mortos. O sítio arqueológico apresentava vestígios já na sua superfície, mas os sepultamentos foram descobertos abaixo da superfície.

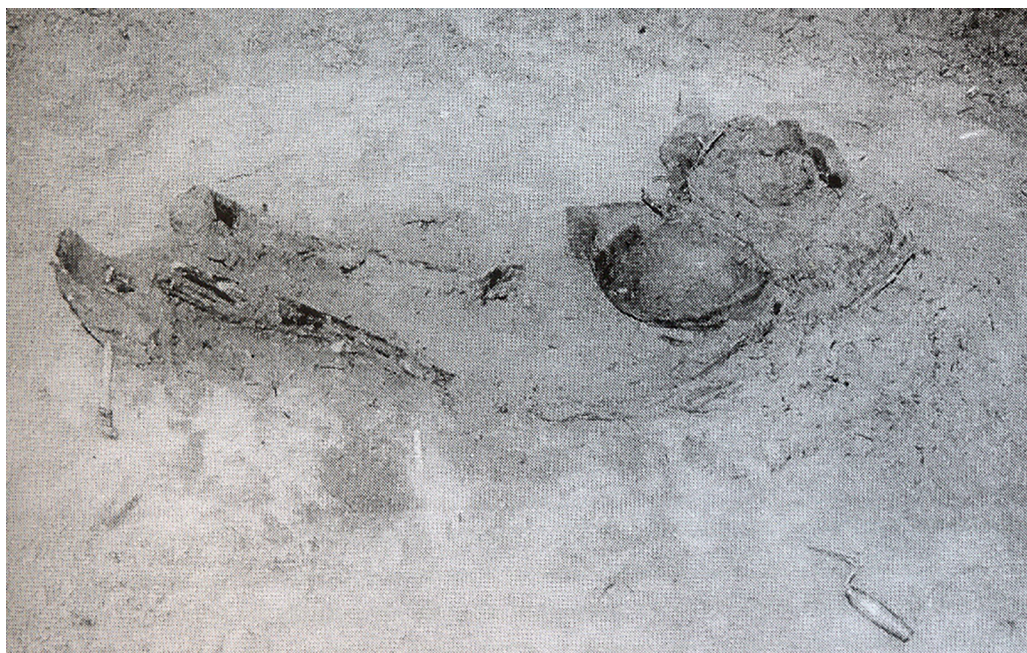


Figura 13. Sepultamento direto do corpo e indireto do crânio. Fonte: Ribeiro (apud Pestana 2007:114).

A estrutura funerária que abrigava remanescentes humanos é composta por cerâmica que serviu de urna e por cerâmica que fez as vezes de tampa, configurando um sepultamento indireto. Entre os remanescentes ósseos, estavam presentes o rádio, a ulna, fragmentos de falange, dentes e a calota craniana, pertencentes a um único indivíduo. Os dentes (de leite) indicam tratar-se, conforme indica o texto, de uma criança com idade entre 6 e 10 anos. O estado dos vestígios, pouco preservados, não permite indicar se o sepultamento era do corpo inteiro ou só de partes, assim como não fornece indícios sobre o sexo. Não há informações no capítulo de Pestana sobre oferendas ou acompanhamentos funerários que pudessem ter sido dispostos junto ao corpo.

Entre os gestos dos vivos, é possível notar a ação de inserir a criança dentro de vasilhame cerâmico, bem como a intenção de garantir o isolamento do corpo com uma segunda vasilha. Tudo indica que a estrutura funerária tenha sido, por fim, enterrada. A princípio, não é possível inferir sobre o status da criança dentro da aldeia. Também não há informações sobre a datação.

É interessante ressaltar que a estrutura funerária anterior, localizada no mesmo sítio, apresenta características similares a esta, embora não tenha abrigado um indivíduo imaturo.

- Sepultamento C (Sítio RS-LC-49: Baco-

pari I)

Esse terceiro sepultamento, ainda do trabalho de Pestana, foi encontrado por um morador local. Não há, por esse motivo, informações sobre a profundidade e a localização do achado no sítio (se em área de habitação ou de cemitério).

O material recolhido consiste em uma vasilha de pequenas proporções que serviu como abrigo para um crânio, desconectado do restante do corpo (Ver Figura 14). O achado corresponde, desse modo, a um sepultamento indireto, de parte do indivíduo.

Como se trata de um sepultamento de crânio, entre os remanescentes ósseos identificados destaca-se a calota craniana, o maxilar e os dentes. Esses vestígios correspondem a um indivíduo adulto, provavelmente do sexo masculino. De acordo com Pestana, a identificação do sexo foi feita pela observação das depressões presentes na nuca, as quais apresentaram uma inserção de músculos típica de homem (2007:124).

Não há menção sobre o restante dos restos mortais. No entanto, é possível que o corpo estivesse próximo ao crânio, mas decomposto (de forma semelhante ao “sepultamento A”).

Entre os gestos dos vivos, é notada a ação de desassociar o crânio do restante do cadáver para, posteriormente, depositá-lo em uma vasilha que serviu como uma funerária. Por fim, é notada ação de enterrar a peça cerâmica com essa parte do indivíduo.

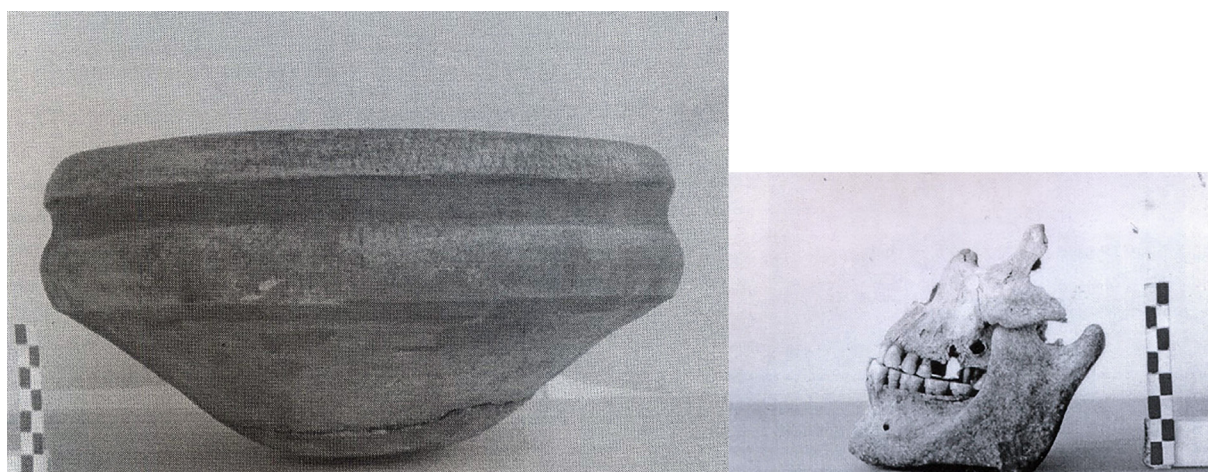


Figura 14. Vasilha utilizada para sepultamento da cabeça e detalhe do crânio. Fonte: Ribeiro (apud Pestana 2007:125).



## COMPARAÇÃO ENTRE OS DADOS MORTUÁRIOS

Os casos abordados representam os tipos de deposições intencionais associadas aos Tupi, descobertas até o presente momento. Nesse sentido, ainda que tenham sido escolhidos pela disponibilidade de dados contidos nas fontes bibliográficas previamente analisadas, fornecem bases para reflexões.

Temos as seguintes situações: a) Sepultamento indireto em vasilha que serve de urna funerária, sem registro de vasilha que serve como tampa (Casos 3, 4B, 9A, 9C); b) Sepultamento indireto em vasilha que serve como urna funerária, acompanhada por vasilha que serve como tampa (Casos 1, 3, 7B, 8, 9B, 10B); c) Sepultamento indireto em vasilha que serve como urna funerária, outra vasilha menor que cobre o crânio do morto (Casos 3, 4A); d) Sepultamento indireto em vasilha que serve como urna funerária, outra vasilha que serve como tampa e demais vasilhas que servem como reforços laterais da urna e/ou como segunda tampa (Casos 5, 6A, 6B, 6C); e) Sepultamento direto do corpo e indireto do crânio numa vasilha com ou sem tampa (Casos 3, 7A, 10A); f) Sepultamento indireto apenas do crânio (Caso 10C).

Há um elemento comum a todos os sepultamentos: a associação com vasilhas cerâmicas. Nenhuma das fontes bibliográficas indicou a localização de ossos humanos sem esse componente. Assim, o isolamento do corpo inteiro ou de apenas do crânio compõe a ação mais significativa dos vivos.

Os sepultamentos indiretos, do corpo inteiro em urnas (a, b, c e d), podem ser: de adulto (Caso 4, 6C, 8) ou de imaturo (Caso 1, 7B, 10B); de homem (Caso 4A) ou de mulher (Caso 6C); com oferenda (Caso 3, 8, 9C) ou sem oferenda (Caso 1, 4B, 9A, 9B); com acompanhamento (Caso 1, 3, 4A, 4B, 6C, 7A, 7B, 8, 9C) ou sem acompanhamento (Caso 6B, 9A, 9B); com fogueira e buraco de estaca (Caso 6A); em cemitério (Caso 3, 4A, 4B, 7A, 7B, 8, 9A, 9B, 9C) ou na habitação (Caso 1, 10C).

Embora tenham sido elaborados para não entrarem em contato com a terra, em geral não apresentam remanescentes ósseos em bom estado

de preservação. Por esse motivo, são pouco apropriados para indicar se os indivíduos sofreram desmembramentos típicos de sepultamentos secundários. Os raros casos de sepultamentos com ossos em bom estado (Caso 6C e 8) não apresentam marcas feitas pelos humanos, mas possuem, ao invés disso, evidências de conexões anatômicas, configurando deposições do tipo primárias.

Em relação aos sepultamentos diretos do corpo e indiretos do crânio (e), verificamos que são de um único indivíduo adulto, acompanhado por objetos e enterrado em cemitério. Contudo, podem apresentar: corpo “acolorado” (Caso 3) ou estendido (Caso 7A, 10A); crânio articulado ao restante do corpo, coberto por vasilha (Caso 7A) ou crânio separado do corpo para novo ritual que corresponde a colocação numa vasilha (Caso 10A); também podem ser com oferenda (Caso 7A) ou sem oferenda (Caso 10A).

Os remanescentes ósseos desses sepultamentos apresentam más condições de preservação. Um deles, porém, ofereceu subsídios para que a autoria da fonte bibliográfica consultada identificasse o sexo (Caso 10A- sexo feminino).

Quanto ao sepultamento do crânio (f), sem a presença do restante do corpo, não foi possível identificar as suas variações, uma vez que apenas um achado com tais características foi encontrado nas fontes bibliográficas.

Esse artigo sugere que os sepultamentos do tipo “d”, compostos por diversas peças cerâmicas, são exclusivos do Rio de Janeiro, ainda que nesse estado também tenham sido encontrados sepultamentos Tupi com menos quantidade de vasilhames. Tal elemento de multiplicação das vasilhas para defesa pode indicar uma variação regional, provavelmente associada à presença dos Tupinambá.

Por sua vez, os sepultamentos “e” e “f”, dentro do nosso levantamento, são exclusivos do Mato Grosso do Sul e do Rio Grande do Sul, ainda que sejam predominantes nesses estados os sepultamentos indiretos do corpo inteiro, cujas estruturas são normalmente do tipo “a”, “b” e “c” (correspondentes ao território ocupado por populações Guarani). O relatório “Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba, SC”

(1999:90) cita que André Prous teria indicado a presença de sepultamentos do tipo “e” no estado do Paraná e do Rio de Janeiro; Paraná ainda é território Guarani. Para saber se esse tipo de sepultamento é uma variação regional do Guarani são necessárias mais informações para os outros estados.

Por fim, as análises também evidenciaram que um cemitério pode apresentar mais de uma forma de sepultamento. Nos casos analisados, mesmo que haja uma data, não se mostra diacronia entre os sepultamentos, inviabilizando perceber se variações em um mesmo sítio teriam relação com mudanças ocorridas ao longo do tempo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, ao reunir, elencar de maneira uniforme, a partir de questões previamente elaboradas, e comparar informações produzidas pelos arqueólogos em campo, contribui para o avanço do estudo da temática mortuária Tupi, ainda pouco explorada. Na medida em que funciona como um corpo de dados uniforme, pode auxiliar no seguimento das pesquisas referentes ao assunto.

A continuidade da pesquisa é composta pela análise crítica das fontes etno-históricas, produzidas pelos primeiros viajantes e cronistas em contato com o Tupinambá, e pela discussão da etnografia feita por Egon Schaden, que diz respeito ao Guarani; por fim, é composta pelo cruzamento entre os dados dessas categorias de fontes com os dados arqueológicos, viabilizando projeções etnográficas acerca dos sepultamentos escavados, as quais completam e, em alguns sentidos, matizam certas reflexões aqui destacadas.

### BIBLIOGRAFIA

BUARQUE, A.

2010. As Estruturas Funerárias das Aldeias Tupinambá da Região de Araruama, RJ. In: *Os ceramistas Tupiguarani, Volume III – Eixos temáticos*, organizado por A. Prous e T. Lima, pp. 149-172. Superintendência do Iphan, Minas Gerais.

CHMYZ, I.

1974. Dados Arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do Alto rio Paraná. Resultados preliminares do quinto ano, 1969-1970. *Publicações Avulsas do Museu Paranaense Emilio Goeldi*, MPGE, n. 10, pp.95-118.

DIAS, O. A.

2009. Tradição Tupiguarani no estado do Rio de Janeiro. In: *Estado da Arte das Pesquisas Arqueológicas Sobre a Tradição Tupiguarani*, organizado por A. P. Oliveira, pp. 65-88. EDUFJF, Juiz de Fora.

ETCHEVARNE, C.

2009. Os grupos Tupi na Bahia: Uma abordagem arqueológica. In: *Estado da Arte das Pesquisas Arqueológicas Sobre a Tradição Tupiguarani*, organizado por A. P. Oliveira, pp. 111-130. EDUFJF, Juiz de Fora.

IPAT/UNESC.

1999. *Projeto de salvamento Arqueológico da ZPE Imituba*. Relatório Final. Informe da UNESCO, Criciúma.

KASHIMOTO E; M. e MARTINS. G. R.

2009. *Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul*. Life editora, Campo Grande.

KLAMT, S. C.

2004. *Uma Contribuição para o Sistema de Assentamento de um Grupo horticultor da Tradição Cerâmica Tupiguarani*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre.

MÜLLER, L. e SOUZA, S. M.

2011. Enterramentos Guarani: Problematização e Novos Achados. In: *Antes do Oeste Catarinense. Arqueologia dos Povos Indígenas*, organizado por M. Carbonera e P. I. Schmitz, pp. 167-218. Argos, Chapecó.

PEREIRA, E; SILVEIRA, M. C. L; RODRIGUES, M. J; COSTA, C. J. A. e MACHADO, C. L.

2008. A Tradição Tupiguarani na Amazônia. In: *Os Ceramistas Tupiguarani, Volume I – Sínteses Regionais*, organizado por A. Prous e T. Lima, pp. 49-66. Sigma, Belo Horizonte.



PESTANA, M. A.

2007. *Tradição Tupiguarani na Porção Central da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, UNISINOS, São Leopoldo.

PY-DANIEL. A.

2015. *Os Contextos Funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, USP, São Paulo.

RIBEIRO, M. S.

2007. *Arqueologia das práticas mortuárias. Uma abordagem historiográfica*. Alameda, São Paulo.

RIZZARDO, F. M.

2017. *Sepultamentos dos Mortos Entre Antigas Populações do Tronco Tupi: Confrontando Arqueólogos e Cronistas Quinhentistas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, UNISINOS, São Leopoldo.